

ENTREVISTA COM O
MARQUÊS DE POMBAL



Lisboa, 10 de Junho de 1775.

— «O Senhor Marquês de Pombal quiere falar ao País e ao Mundo, e para isso deu-nos a inestimável honra de escolher a nossa gazeta para seu porta-voz. Ficou assente Vossa Mercê apresentar-se amanhã, pelas 8 horas, na Secretaria de Estado, para ouvir Sua Excelência. Seja pontual e esteja atento.»

Foi em virtude destas palavras, ditas em tom imperativo pelo director do jornal, que me apresentei, ontem de manhã, na antecâmara do gabinete do Senhor Marquês, à hora indicada.

Não me fêz esperar muito o ilustre Secretário de Estado e Ministro de El-Rei Nosso Senhor. Vinte minutos passados, eu era levado à sua presença.

Há muito tempo, há anos mesmo, que eu não via Sua Excelência. Nas festas da inauguração da

régia estátua não me foi dado enxergá-lo e, fora dessa ocasião, é raro aparecer, pois, sabendo-se que sua preciosa vida corre perigo, pela malevolência obstinada de certos homens possuídos de espírito infernal que têm procurado tirar-lha, todos os cuidados são poucos para precaver esta Nação de tamanha desgraça.

Achei o Senhor Marquês com a sua bela presença de sempre; na testa, uma ruga do pêso das responsabilidades e do trabalho, que não dos anos; e o olhar severo e dominador que tôda a Europa conhece, tanto pelos despachos de seus ministros acreditados nesta Côrte, como pela fama que do seu génio se tem espalhado, génio que o seu olhar traduz.

Mal me abeirei da sua banca de trabalho, mirou-me através dos vidros da luneta, indicou-me que me sentasse e disse-me:

— «Pegue na sua pena de lápis e escreva.»

Tentei proferir duas palavras sôbre a minha missão, chegar à primeira pergunta, que levava architectada...

— «Ex.^{mo} Senhor...»

Mas o Senhor Marquês não me deixou prosseguir. Sem levantar os olhos dos papéis que tinha em frente, acariciando com a mão esquerda a Cruz de Cristo, de brilhantes e rubis, pendente da volta de rendas brancas sôbre o colete de sêda amarela, principiou o seu discurso:

*

— «Não foi a vaidade, que nunca tive, que me deu motivo a conceder esta entrevista e a, por meio dela, falar a portugueses e estrangeiros, até onde cheguem

as minhas palavras — porque, nas prosperidades em que o Reino hoje floresce e no gloriosíssimo Governo que êle hoje tem, reconheço que não me cabe merecimento algum, mas tão sômente a incomparável fortuna de Sua Majestade haver confiado da minha fidelidade, zêlo e amor ao seu real serviço, a execução das suas iluminadas e providentes resoluções e ordens. O meu único objecto, ao chamar Vossa Mercê aqui, foi divulgar, em Portugal e fora dêle, as felicíssimas providências que têm sido tomadas neste reinado e recomendar aos meus sucessores não só o exactíssimo cuidado com que devem conservar tudo o que o Senhor Rei D. José tem estabelecido, mas também que continuem a governar êste País pelos mesmos princípios e pelas mesmas máximas com que tem sido governado até agora, pois doutro modo arriscam-se a arruinar o que está bem, com irreparáveis ruínas da Coroa que servirão e dos vassallos dela.»

Houve uma pausa. A presença daquêle homem tão notável que todo o Universo admira e que as outras nações invejam, tirava-me a coragem para ser ousado. Decorridos, porém, alguns segundos, foi o seu olhar, agora interrogador, que me incitou a interrogá-lo:

— «Quere V. Ex.^a dizer à minha gazeta quais as principais medidas tomadas neste reinado que têm feito com que êle seja um dos mais ditosos de que reza a História de Portugal?»

Houve outra pausa. O ministro parecia concentrar o seu pensamento. Por fim, disse:

— «O desenvolvimento e prosperidade das Artes, do Comércio e do Ensino são os efeitos das paternas,

magnânimas e infatigáveis providências com que Sua Majestade dissipou as trevas e reparou as ruínas em que se achavam sepultados estes Reinos, quando foi chamado ao trono de seus Maiores.»

*

E depois continuou:

— «Dantes, as obras de oiro, prata, lã, sêda, ferraria, marcenaria, correaria, o necessário para vestir, ornato das casas, mesas, carruagens, vinham de fora, dos Reinos estrangeiros, com manifesto prejuízo da nossa economia, dos officiaes portuguezes e do prestígio da Nação, que não podia ser havida por pulida e culta. Agora, com a criação das Artes fabris ou officios mecânicos que eu introduzi... que neste feliz reinado foram introduzidos no nosso País, tudo isso deixou de entrar pela barra para ser feito em Portugal. E até já os espelhos, placas e vidros de beber são fabricados no Reino e por vassallos de Sua Majestade.

«O mesmo se observa com as Artes liberaes. Já não quero falar das boas pinturas do insigne Francisco Vieira e de seus discípulos, em que hoje abundamos, nem na multidão de produções poéticas que apparecem na Mesa Censória, com uma pureza de estilo que bem demonstram a nenhuma falta que aos estudos preparatórios faz a seita jesuítica. Mas saiba-se que, depois de criada a Aula do Comércio, se tornou de tal sorte vulgar a aritmética que, para o lugar de guarda-livros, que antes se mandava buscar a Veneza ou Génova, com um conto de réis, e três mil cruzados de emolumentos, agora se apresentam logo vinte e

mais pretendentes habilíssimos em tôdas as arrumações de livros mercantis e nas difíceis reduções de pesos e medidas de sólidos e líquidos, de todos os câmbios e diferentes moedas que correm nas praças da Europa.»

O meu ilustre entrevistado começou a animar-se com o seu próprio discurso. Seu rosto iluminou-se dum sorriso; e, olhando-me de frente, acrescentou com vivacidade:

— «Talvez não saiba que, até o ano de 1750, era rara a pessoa que escrevesse uma carta com boa letra de mão; hoje, com a mesma raridade se encontra em Lisboa quem escreva mal, de sorte que, de cada vez que se quer nomear um escriturário para qualquer das contadorias do Real Erário, das Juntas de Fazenda, da do Comércio, ou das Companhias Gerais, aparecem quasi resmas de papel inteiras em memórias e petições, de letras perfeitíssimas!»

E, dizendo isto, o Senhor Marquês de Pombal encostou-se ao espaldar da cadeira a sorrir com ar de grande satisfação.

— «O delineamento dos novos sumptuosos edificios de Lisboa — aventurei eu — são a cabal demonstração dos admiráveis progressos da Architectura e doutras Artes liberais, devidos à providencial acção de V. Ex.^a.»

— «E a portentosa estátua equestre, o soberbo e delicado pedestal dela, a elevação e colocação daquêles incomparáveis pesos, e a primorosa estampa manifestando ao público os merecimentos daquelas difficilissimas obras? Tudo feito por mãos de portuguezes! Assim se mostra bem vivamente aos estrangeiros que

nenhuma inveja podem causar a Portugal nem os seus desenhadores, nem os seus pintores, nem os seus mais famigerados fundidores, nem os seus mais peritos e hábeis maquinistas.»

— «Exactamente, Senhor Marquês. E essa superioridade devemos-la às luzes e ao ministério de V. Ex.^a.»

— «Antes às iluminadas e previdentes resoluções de El-Rei, meu Senhor.» — atalhou respeitosa-mente o Senhor Marquês de Pombal.

*

Houve nova pausa. E como o meu insigne interlocutor se quedasse silencioso, como se tivesse o espírito ausente, ousei interrogar:

— «Que se digna dizer, Senhor Marquês, sobre o que a V. Ex.^a deve o desenvolvimento do nosso Comércio?»

— «Tenho justamente aqui uns apontamentos que me permitem fornecer-lhe dados concretos a êsse respeito. Pode dizer-se que Sua Majestade tem hoje o seu Comércio mais feliz e opulento do que o foi no século dos Senhores Reis D. Manuel e D. João III, porque o monopólio que êsses dois Monarcas tiveram das drogas da Índia se acha muito excedido pelas preciosíssimas produções que vêm do Brasil, que são próprias do Reino, em que faltam as da Ásia, que hoje estão divididas por tôdas as nações da Europa.»

E assestando a luneta para uns cadernos de papel que tinha sobre a mesa, prosseguiu:

— «Por uma parte, temos o cacau, o café, o arroz, o algodão, o gengibre e outros muitos géneros que vêm do Pará e do Maranhão, e dos quais, antes das providências de Sua Majestade, não tiravam algum pro-

veito os vassallos do mesmo Senhor. Por outra, temos o grande número de milhões de diamantes que têm entrado em Portugal e que antes de 1753 não tinham extracção nem consumo; os açúcares, a ponto de faltarem na Alfândega, quando a verdade é que, até 27 de Janeiro de 1751, empachavam todos os armazéns, sem haver já na cidade onde os arrecadar; o tabaco, que até o Regimento de 16 de Janeiro de 1751, se achava igualmente inútil e a Fazenda Real condenada em quatro mil cruzados para queima dêle; os coiros, atados, solas e vaquetas, cujo valor é notório e sobe a outros milhões de cruzados. Isto sem falar noutras providências que Sua Majestade deu, por exemplo, para o sal de Setúbal, a cujo pôrto vêm mais de trezentos navios de carga cada ano; para os vinhos, que sòmente os do Douro fazem o giro de mais de quatro milhões anualmente; para as frutas de espinho, que a frequênciã dos navios estrangeiros fêz extrair, de sorte que sòmente em Sintra e Colares, qualquer pomar de limão se reputa uma mina de oiro. E não posso deixar de me referir à novíssima e utilíssima restituição do comércio da Ásia aos vassallos de Sua Majestade, que, com as suas inexauríveis providências, lhes abriu as portas da Índia, de tal sorte que o ano passado despachou Portugal para o Oriente onze navios, quando nêle a Inglaterra não mandou mais de treze.»

*

Parecia-me já longa a entrevista e que o Ex.^{mo} Ministro e Secretário de Estado se achava um pouco fatigado das declarações que se dignara fazer. Preguntei-lhe se tinha mais alguma ordem a dar à nossa gazeta.

— «Quero dizer mais alguma coisa — retorquiu com vivacidade. — Quero referir-me à restauração da Universidade de Coimbra e ao desenvolvimento que tem sido dado às ciências em Portugal. Nunca é demais enaltecer essa reforma que fêz com que tôdas as Universidades da Europa olhem com admiração para a de Coimbra, donde arrancámos as venenosas raízes jesuíticas para que nela pudesse entrar a sã e útil erudição.»

E ao referir-se aos jesuítas, deu tamanho murro na mesa que fêz entornar a areia que estava na escriptorinha. Recobrando a serenidade, o Senhor Marquês continuou:

— «Em conclusão: as nações que com arrogância e superioridade olhavam antes para a portuguesa como bisonha, rude e destituída de todos os elementos e princípios das Artes fabris, das liberais e dos verdadeiros conhecimentos das Ciências maiores, acabaram de ter o último desengano, pois, no que respeita às primeiras, nos achamos com elas igualados, e no que respeita às segundas, excedemos a maior parte delas, como os Italianos e os Franceses não têm já feito cerimónia de o confessar, muitas e repetidas vezes, respeitando e imitando as leis e resoluções de Sua Majestade, pedindo e invejando os Estatutos da Universidade de Coimbra e encomendando aos seus correspondentes em Lisboa a remessa de todos os escritos que se têm publicado e publicarem neste glorioso reinado.»

O Senhor Marquês de Pombal estava agora entusiasmado, remoçado. Falava com uma eloquência e um vigor que ninguém diria ter S. Ex.^a completado

76 anos. Já depois de me despedir, disse-me com voz forte e imperiosa:

— «É preciso que a sua gazeta apregõe a Portugal e ao Mundo que a estimação nacional está inteiramente restabelecida, o crédito público consolidado, a tropa e a marinha em tão bom estado que não faltam a El-Rei meu Senhor meios para as manter e aumentar quando fôr necessário, Lisboa reedificada e com uma praça que excede em grandeza e formosura tôdas as que conhece a Europa, os vassallos de Sua Majestade ricos, contentes e felizes, como ainda agora o manifestaram por ocasião das sumptuosas festas da colocação da estátua eqüestre; que nenhum reinado, em suma, merece mais justamente o cognome de felicíssimo do que o do Senhor Rei D. José, que Deus guarde por muitos anos, para maior glória de Portugal.»

*

À saída cruzei-me com o Em.^{mo} Cardial da Cunha, illustre Ministro assistente ao Despacho, que vinha para a sua quotidiana visita ao Senhor Marquês, a quem não abandona um instante. Cumprimentou-me muito afávelmente, permitiu-me que lhe beijasse o anel e teve a bondade de me dirigir as seguintes palavras, que são o mais adequado fecho que podia ter esta entrevista:

— «Já sei que vindes de falar com o Senhor Marquês. Que coisas preciosas não vos terá dito! É um homem assombroso! Quando êle desaparecer — o que Deus permita seja o mais tarde possível — quem o poderá substituir? Ninguém!»